

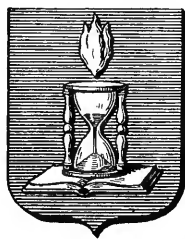
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
BOLETINS DA FACULDADE DE  
FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

---

LXV

GEOGRAFIA

N.º 2



SÃO PAULO - BRASIL  
1946

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor :

*Prof. Dr. Jorge Americano*

## FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor :

*Prof. Dr. André Dreyfus*

### DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

#### Professores

##### GEOGRAFIA FÍSICA

*Prof. João Dias da Silveira*

##### GEOGRAFIA HUMANA

*Prof. Pierre Monbeig*

##### GEOGRAFIA DO BRASIL

*Prof. Dr. Aroldo de Azevedo*

#### Primeiros Assistentes

*Prof. Dr. Ary França*

*Prof.ª Elina Oliveira Santos*

*Prof. José Ribeiro de Araujo  
Filho*

#### Auxiliares Técnicos

*Prof. Antônio Rocha Penteado*

*Prof.ª Maria de Lourdes P. de  
Souza Radesca*

*Prof.ª Nice Lecocq-Müller*

*Prof. Renato Silveira Mendes*

---

Toda correspondência deverá ser endereçada para

Caixa Postal N.º 105-B

SÃO PAULO — (Capital) — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
BOLETINS DA FACULDADE DE  
FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

---

LXV

GEOGRAFIA

N.º 2



Organizado pelo Departamento  
de Geografia

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

*R. Biblioteca da Faculdade  
de Filosofia, Ciências e Letras,  
quase todos os dias*

*Paulo*  
XII. 46

SÃO PAULO - BRASIL  
1946



**AROLDO DE AZEVEDO**  
**PROFESSOR CATEDRÁTICO DE GEOGRAFIA**  
**DO BRASIL**

# **A REGIÃO DE JUAZEIRO E PETROLINA**

**Trabalho aprovado pelo Décimo**  
**Congresso Brasileiro de Geografia,**  
**reunido na cidade do Rio de Janeiro,**  
**em setembro de 1944.**



## EXPLICAÇÃO

*O presente trabalho é principalmente o resultado de observações e pesquisas pessoais, realizadas em alguns dias passados na região de Juazeiro e Petrolina.*

*A viagem teve lugar em Janeiro de 1944 e foi feita, em grande parte, na agradável companhia de colegas do DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA — professores Pierre Monbeig, João Dias da Silveira, Maria Conceição Vicente de Carvalho, José Ribeiro de Araujo Filho e Ary França, e do professor Othon Henry Leonardos, da Universidade do Brasil.*

*Estimamos que possa prestar algum serviço à Geografia brasileira, tão pobre ainda em monografias regionais.*

A. DE A.

## SUMÁRIO

I. *A região do “cotovelo” do rio São Francisco.*  
— Primeiro contacto com a região. O peneplano cristalino. O rio São Francisco. O problema da água, resultado da semi-aridez do clima. Pleno domínio da catinga.

II. *Juazeiro.* — A capital do médio São Francisco. As funções da cidade. Na região de Juazeiro.

III. *Petrolina.* — Uma cidade original. As funções da cidade. Na região de Petrolina.

IV. *Conclusões.*

---

NOTA — Todas as fotografias que figuram no presente trabalho foram tiradas pessoalmente pelo autor. De sua responsabilidade são os mapas nele incluídos, de autoria do prof. João Soukup.



## CAPÍTULO I

# A REGIÃO DO “COTOVELO” DO RIO SÃO FRANCISCO

**Primeiro contacto com a região.** — Nosso primeiro contacto com a região do “cotovelo” do rio São Francisco teve lugar em Janeiro de 1944, quando desembarcamos de um avião da “Navegação Aérea Brasileira”, na cidade de Petrolina. Pouco passava de meio-dia e o sol era abrazador.

Diante de nossos olhos abriu-se, sem demora, a paisagem áspera que esperávamos encontrar, se bem que não assim tão depressa: uma região plana, desmedidamente plana, recoberta de cascalhos e com uma vegetação rarefeita a reopntar aqui e ali, a medo, raquítica e desnuda.

Pisávamos, de chôfre, uma das regiões mais hostís de nossa Pátria, onde o homem vive na luta tremenda contra a sêca. Quem desejar conhecer em poucas horas o que é o sertão do Nordeste, com tôda sua tragédia e com todo o heroísmo de seus filhos, basta visitar a região em que se erguem as cidades gêmeas de Juazeiro e Petrolina.

**O peneplano cristalino.** — Tudo na região em estudo parece indicar a presença de um *peneplano* típico: a planura imensa, a perder-se de vista, numa altitude que se aproxima de 400 metros sôbre o nível do mar, embora 500 km dele a separem; o amontoado inacreditavel de rochas fragmentadas, pedregulhos de todos os tamanhos, a encobrir o solo, no meio da catinga ou dentro da própria aglomeração urbana; a presença, a alguma distância do rio, sobretudo à margem direita, de montanhas residuais, pequenos “monadnocks”, com sua forma de cône truncado.

Os terrenos cristalinos dominam ali de maneira absoluta. Em sua maior parte vêm-se representados por gnaisses de idade arqueozoica, que aflo-ram constantemente ou se encontram escondidos por uma delgada camada de material alterado. Mas a seu lado também aparecem terrenos graniti- zados, de idade proterozoica.

No vale do Salitre, já é o calcáreo da série de Lavras a rocha dominante, tendo a cobri-lo a formação cenozoica do chamado "calcáreo das catingas". E junto à corrente do São Francisco, são os aluviões holocênicos da série das Vasantes, embora ocupem área restrita na região que focalizamos.

Entretanto, o que mais fere a atenção do observador é aquele verdadeiro "mar" de pedras, a que atrás fizemos menção. À primeira vista, fazem lembrar um amontoado espantoso de seixos rolados, que a **fôrça** das enxurradas houvesse acumulado na região. Uma observação mais acurada serve para mostrar-nos que tais pedras não são arredondadas, mas sim fragmentadas; daí seus tamanhos os mais variados, suas verdadeiras facetas, cujas arestas foram arredondadas pelo tempo. Os pedregulhos de maior tamanho costumam aparecer justamente nas partes mais elevadas desse peneplano; os menores, levados pelas águas das chuvas, aninham-se nas concavidades do terreno. As variações térmicas devem ser as únicas responsáveis por esse estranho "oceano" de rochas fragmentadas.

Quanto às montanhas residuais, elas constituem os "cerros ilhados", de que nos fala OTTO QUELLE (1), solitários como ilhas no meio da grande planura, com suas formas cônicas, com altitudes de 100 a 200 metros em relação à superfície do peneplano. Quem deixa Juazeiro rumo ao vale do Salitre tem logo à vista um desses "monadnocks", nú de vegetação. Na região de Petrolina, porém, não os encontramos senão depois de um percurso de uns 40 km, quando rumávamos para Salgueiro, via Parnamirim.

**O rio São Francisco.** — O espetáculo que oferece o rio São Francisco, quando visto de avião, tem qualquer cousa de soberbo. Vimo-lo pela primeira vez em seu trecho mineiro, de uma altura de 3.200 metros e a uma velocidade de 300 km por hora: fazia lembrar uma imensa avenida, amarelada e perfeita, com suas margens por vezes alagadas (através das quais se abriam inúmeras "ipueiras"), com suas ilhas alongadas. Vimo-lo, semanas mais tarde, não longe de sua foz, ao viajarmos de Penedo para Neópolis.

Mas o São Francisco que aqui vamos focalizar é o rio que aparece no seu trecho médio, no ponto exato em que realiza sua brusca e conhecida mudança de direção, rumando para o Atlântico. É exatamente a região do "cotovelo" de captura, testemunho silencioso da transformação por que passou a bacia nos fins do plioceno ou no início do quaternário (2).

Sua direção geral, nesse trecho, é francamente O—E. Sua largura deve ser de uns 750 a 770 metros. Mas bem a meio-caminho entre as duas cidades irmãs ergue-se a ilha do Fogo, provavelmente um "neck",

---

(1) QUELLE (Otto), "Relatório das viagens de estudo na Bahia", separata n.º 43 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Liv. J. Leite.

(2) MORAES REGO (Luís Flores de), "O Vale do São Francisco", 68-71.



### **O peneplano cristalino**

A cerca de 400 metros sôbre o nível do mar, estende-se a planura imensa, de terrenos arqueanos, que constitúe o peneplano da região do “cotovelo” de São Francisco.

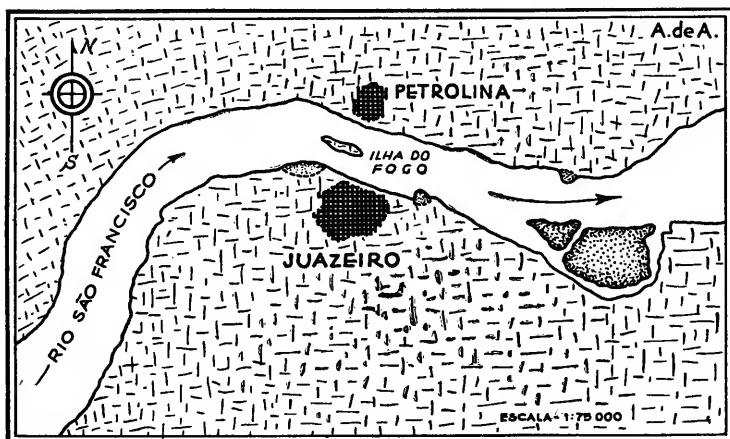


### O “mar” de pedras

No meio da catinga (que recobre o peneplano) ou dentro da própria aglomeração urbana, surgem as rochas cristalinas decompostas sob a fôrma de pedras de todos os tamanhos. No alto, vê-se um “matacão” típico, tendo no primeiro plano um belo exemplar de xique-xique.

em tórno do qual acumularam-se rochas as mais diversas, o que levou TEODORO SAMPAIO a considerá-la um verdadeiro pequeno museu mineralógico (3).

O grande rio achava-se, quando o observamos, no início de sua época de cheia, pois é de Janeiro a Abril que se avolumam suas águas. Março é o mês que, em geral, apresenta a maior descarga, chegando a 6 000 e 7 000 m<sup>3</sup> por segundo, só por exceção alcançando cifras maiores (10 000,



#### A região de Juazeiro e Petrolina

No meio do vasto e desolado peneplano gnáissico, às margens do rio S. Francisco, erguem-se as cidades gêmeas de *Juazeiro*, em território baiano, e *Petrolina*, em terras de Pernambuco.

13 000) ; é o tempo em que transborda, invadindo e fertilizando as “vasantes” marginais. Daí o seu aspecto imponente, que deve contrastar bastante com o da época da vasante (Maio a Dezembro), quando o grande rio, percorrendo regiões flageladas pela sêca, sem receber muitos de seus tributários, vê sua descarga reduzida a 1 m<sup>3</sup> por segundo! (4).

É a grande artéria da região. Navegando por suas águas passam embarcações dos mais diferentes tipos: os “paquetes”, pequenos barcos à vela, que fazem a ligação entre Juazeiro e Petrolina; “barcas”, veleiros

(3) SAMPAIO (Teodoro), “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina”, pág. 38.

(4) Dados obtidos no 4.º Distrito da Repartição de Águas, com sede em Juazeiro.

maiores, destinados ao transporte de carga, com suas choças cobertas com folhas de carnaúba (“murundús”) e estranhas figuras de monstrenhos exóticos a enfeitar suas prôas, verdadeiros “sampangns” do São Francisco; vapores das duas grandes companhias que exploram o trecho Juazeiro-Pirapora — a “Viação Baiana” e a “Navegação Mineira do São Francisco”, ou de outras empresas menores.

Além de tudo isso, fornece o grande rio água para a população ribeirinha. Água! — o angustioso problema da região do “cotovelo” san-franciscano.

**O problema da água, resultado da semi-aridez do clima.** — O São Francisco, nesse trecho de seu curso, faz lembrar realmente o rio Nilo, como tantos já o afirmaram. Parece um paradoxo, mas é verdade, assistir-se a uma população inteira a lutar com o problema da falta de água, não longe da majestosa caudal do grande rio brasileiro.

O clima apresenta, ali, seus mais baixos índices de pluviosidade, pois já se registaram 400 e até 200 mm sómente, no espaço de um ano (5). Daí o espetáculo que nos foi dado observar, em ambas as margens. Em Petrolina, homens e meninos a encher os pipotes com a água do rio, colocando-os sôbre o lombo dos “jégues”, que são os pequenos jumentos tão característicos de todo o sertão nordestino (6), ou mulheres debruçadas às suas margens, a lavar roupas. Em Juazeiro, o incessante movimento de homens, mulheres e crianças, num impressionante vai-vem, a conduzir água do rio em latas colocadas às costas ou presas a uma vara, que se apoia sôbre um dos ombros. Nos arredores de ambas as cidades, aparecem tratos de terra irrigados afim de permitir a produção. Por toda parte, a obsessão da água, que não existe a não ser no rio, já que a atmosfera é tão pouco pródiga.

Quando percorremos a região, seus habitantes lutavam com as conseqüências de uma sêca que já se prolongava por dois ou três anos. Nesse espaço de tempo, chovera algumas vezes, é verdade; mas fôra como se não chovesse, tão pequena a quantidade de água caída. Por isso mesmo, compartilhamos da alegria daquela gente conformada, quando desabou por sôbre a região um forte aguaceiro; e era de vêr-se a satisfação com que todos observavam a chuva grossa a cair e a displicência e quase prazer com que se deixavam molhar, naquele raro momento da vida regional!

O regime pluviométrico é o mesmo do resto do sertão do Nordeste: à época das chuvas, que se inicia em Dezembro-Janeiro, dão o nome de “inverno”, ao passo que chamam de “verão” o período sêco, que se estende de Maio a Dezembro.

---

(5) Cf. MORAES REGO, obra citada, pág. 83.

(6) Uma “carga” de água, constituída por quatro pipotes, é vendida à razão de um cruzeiro.



Climax & Sargas  
Elizete, 1911



### Veleiros do São Francisco

Na fotografia superior, “paquetes” que fazem a ligação entre Juazeiro e Petrolina.  
Em baixo, duas “barcas” com suas choças de carnaúba e seus monstrenços à  
prôa, tendo ao fundo um dos vapores que trafegam pelo grande rio.



**Navegando no São Francisco**

No alto, um "paqueteiro" manejando a "zinga" ou "varejão". Em baixo, vapores descarregando mercadorias em Petrolina.



Faz calôr na região e a luminosidade é intensa; mas não se avalia muito os efeitos daquele, porque quase não se transpira, graças à secura do ar atmosférico. Temperaturas elevadas já foram ali registradas: 39, 40° à sombra. Todavia, o que melhor caracteriza o clima local (como, aliás, o de todo o médio São Francisco) são as grandes variações diurnas, com bruscas quedas termométricas no decorrer da noite. Realmente, as noites são frescas, quase frias, enquanto brilham esplendorosamente as estrelas, em virtude do baixo índice higrométrico da atmosfera.

**Pleno domínio da catinga.** — Não é preciso caminhar além das cidades de Juazeiro e Petrolina, para que tenhamos diante dos olhos o panorama impressionante da catinga. Não exageramos se dissermos que esta paisagem vegetal inicia-se dentro do perímetro urbano daquelas cidades de São Francisco.

Tivemos a felicidade de conhecer a catinga nos dois “momentos” culminantes de sua vida: antes e depois das chuvas.

Vimos a catinga dos arredores de Juazeiro ainda calcinada pela sêca. Estranha paisagem, difícil de ser descrita com exatidão. Através do plano cristalino, desdobra-se uma vegetação arbustiva, ora mais densa, ora rarefeita. Em certos pontos, de solo mais espesso, a vegetação aglomera-se por tal maneira, que impede a visão para os lados da estrada e dificulta a passagem. Noutros trechos, porém, o cristalino aflora e abrem-se verdadeiros pequenos desertos pedregosos, em que a vegetação rasteira só aparece de quando em quando. A favela (“*Cnidocolus* sp.”), o catingueiro, o facheiro (“*Cereus squamosus*”), o juazeiro (“*Ziziphus* sp.”), a umburana (“*Torresia cearensis*”), o xique-xique (“*Pilocerus setosus*”), a palma aparecem de mistura, lado a lado. No meio deles, a estrada caminha quase sempre em linha reta, embora seu leito nem sempre seja bem definido; aliás, parece ser cousa bem fácil alterar o traçado de uma dessas estradas da catinga, pois tanto a topografia como a vegetação não opõem obstáculos de nenhuma espécie. Numerosos leitos sêcos mostravam uma drenagem, que então não funcionava. Algumas cabeças de gado “sertanejo”, uns poucos carneiros de lã reduzida e grossa, surgem de quando em vez no emaranhado da catinga. Atravessam os ares algumas “aves de arribação” ou “avoantes” (“*Zenaida auriculata*”), de porte mimoso e côr cinza clara (7), como também exemplares de urubútingas (“*Cathartes urubutinga*”), que muito se assemelham aos gaviões. Também vimos a silhueta de uma ema fugidia.

Dentro da própria cidade de Petrolina, a catinga vê-se representada por alguns de seus vegetais típicos: a favela, o catingueiro, o quipá, o chifre de veado, etc. Mas, quando percorremos seus arredores, após alguns

---

(7) RODOLFO VON IHERING, em seu “Dicionário dos Animais do Brasil”, descreve pormenorizadamente essa interessante variedade de pomba rôla, tão comum em todo o sertão do Nordeste.

dias de fortes chuvas, a catanga que se desdobrou ante os nossos olhos tinha qualquer cousa de inesperada: fazia lembrar uma extensa e compacta floresta de meia-altura, toda verdejante, diferentíssima daquela paisagem ressequida de poucos dias antes (foto pág. 20), embora ali estivessem os seus vegetais típicos (favela, umburana, xique-xique). Alguns leitos de rios sécos, verdadeiros “uadi”, demonstravam que estiveram em atividade não havia muito tempo. Codornizes, cará-carás, “avoantes” apareceram-nos inúmeras vezes.

Nesse trecho do sertão são-franciscano é a favela, sem dúvida alguma, o vegetal mais característico da catanga, ao contrário de outras zonas por nós visitadas posteriormente; e nisto estamos de acôrdo com o que afirmou ARTUR NEIVA, no seu conhecido estudo sôbre a região (8).

---

(8) NEIVA (Artur) e PENA (Belisário), “Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”, publicação da I. F. O. C. S.

## CAPÍTULO II

# J U A Z E I R O

**A capital do médio São Francisco.** — A cidade de Juazeiro acha-se situada à margem direita do rio São Francisco, em território baiano, a uns 372 metros de altitude sôbre o nível do mar.

O aspecto da cidade não difere essencialmente das outras muitas que se espalham pelo vasto sertão do Nordeste. A maioria de suas ruas não possui calçamento e as habitações não chamam a atenção nem pelo seu estilo, nem pelo seu conforto. Dirigem-se aquelas para o rio, que serve assim de base para o plano da cidade. Algumas praças arborizadas completam sua fisionomia. Por todas as esquinas de seu núcleo central, pequenas armações de madeira trazem letreiros sugestivos, convidando o povo a colaborar com a Prefeitura local no sentido de assegurar a limpeza da cidade, de corrigir-lhe os defeitos, de defender os jardins, de cooperar com as autoridades, o que não deixa de ser um traço original desse afastado aglomerado urbano.

As enchentes do São Francisco costumam castigar a cidade de Juazeiro. HALFELD, em seu famoso relatório (9), refere-se à de 1792, quando o rio subiu 45 palmos sôbre o nível comum, alcançando a igreja matriz (que ficou sob 11 palmos de água) e muitas outras casas. O trecho oriental, mais baixo, é o que mais sofre, chegando as águas do rio a penetrar fundo pelo interior das terras, de modo a isolar boa parte da cidade. Ali se encontra o bairro do Alagadiço, onde tivemos ocasião de vêr numerosos exemplos de casas de barrote (ou “casas de taipa”, como as denominam), com uma só água, sem janelas laterais e, às vezes, só com uma porta. Um solo pedregulhoso caracteriza toda a cidade.

Juazeiro foi fundada em fins do século XVII (10), como consequência da expansão pastoril que se processou nesta vasta porção do Nordeste; também conteve um núcleo de missionários (11) franciscanos. Sua posição

---

(9) HALFELD (Henrique Guilherme Fernando), “Atlas e Relatório concernente à exploração do Rio de São Francisco” (1852-54) — Rio, 1860.

(10) Cf. TEODORO SAMPAIO, obra citada, pág. 37.

(11) SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von), “Viagem pelo Brasil”, trad. brasileira, Rio, 1938, vol. II, pág. 399.

geográfica favoreceu-lhe o desenvolvimento: teria constituído uma das portas de entrada dos sertões do Piauí e do Maranhão, ao mesmo tempo que era a etapa obrigatória para aqueles que procuravam alcançar o Recôncavo, quando procediam da zona dos cocais de babaçú. Aliás, **CAPISTRANO DE ABREU** é de opinião que o caminho de Juazeiro incluía-se entre os menos antigos da Bahia, sendo “antes via de vasão que de penetração” (12), uma vez que, em regra, evitavam-se as catingas bravas como a que caracteriza a região em que se encontra. O fato de estar próximo ao ponto em que, na direção de montante, o grande rio torna-se navegável, deve ter também concorrido para seu maior desenvolvimento.

De qualquer maneira, parece indiscutível que o crescimento de Juazeiro deve-se à sua função de ponto de passagem e, não, a qualquer outra consideração de ordem geográfica.

No início do século passado, sua importância ainda era grande. **AIRES DE CASAL** refere-se ao arraial do Juazeiro, “mais famoso que considerável”, “em uma das passagens mais frequentadas da Bahia para o Piauí” (13). **SPIX** e **MARTIUS** admiraram-se da importância do trânsito do gado que por ali passava com destino ao Recôncavo, numa média anual de 20.000 cabeças. Teria, então, umas 50 casas e uns 200 habitantes (14).

Em meados do século XIX, sua população seria de uns 1.320 habitantes, que viviam em 334 casas. Gozava das regalias de vila desde o ano de 1833 e possuía uma igreja, que substituíra a primitiva capela de Nossa Senhora das Grotas. O comércio do gado já diminuira de intensidade, por ali transitando pouco mais de 10.000 cabeças, anualmente (15).

**TEODORO SAMPAIO**, quando a conheceu (1879), teve uma excelente impressão, graças às suas construções com certo gosto arquitetônico (!), sua nova e boa igreja matriz, seu teatro, uma grande praça arborizada, ruas extensas, animado comércio. Chegou, mesmo, a dizer que lhe pareceu uma pequena “côrte” em pleno sertão e considerou-a o foco mais poderoso da civilização e da riqueza daquela parte do Brasil. Nessa época, sua população, “alegre e ativa”, já se elevava a mais ou menos 3.000 habitantes, e sua influência comercial estendia-se desde Cabrobó até Januária, alcançando também os sertões do Piauí e de Goiaz. Na opinião do notável geógrafo baiano, Juazeiro podia ser considerada o empório do sertão do São Francisco (16).

Esse crescimento parece ter sofrido solução de continuidade nos últimos anos. Em 1920, o recenseamento deu para o município a população de 24.255 hab., concentrados em sua maior parte na própria cidade. Em 1940, sua população era de 25.907 habitantes.

(12) **ABREU** (Capistrano de), “Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil”, ed. Soc. Capistrano de Abreu, Rio, 1930, pág. 84.

(13) **CASAL** (Manuel Aires de), “Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil”, ed. Cultura, São Paulo, 1943, tomo II, pág. 102.

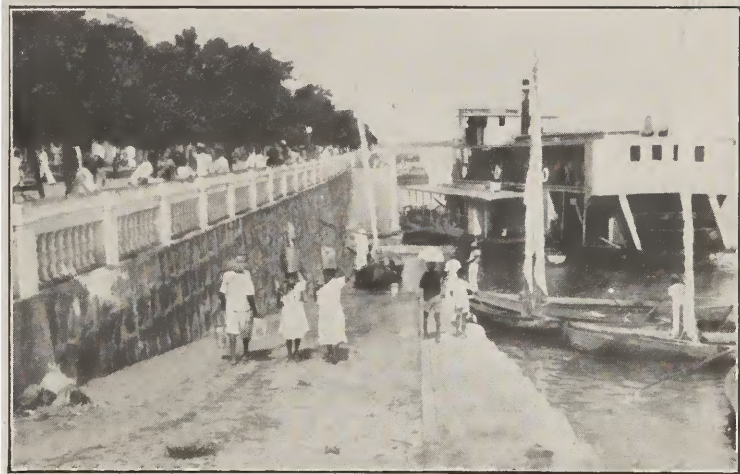
(14) **SPIX** e **MARTIUS**, obra citada, págs. 407, 408 e 399.

(15) Cf. **HALFELD**, obra citada.

(16) **SAMPAIO** (Teodoro), obra citada, págs. 36-37.



1705



### A luta pela água

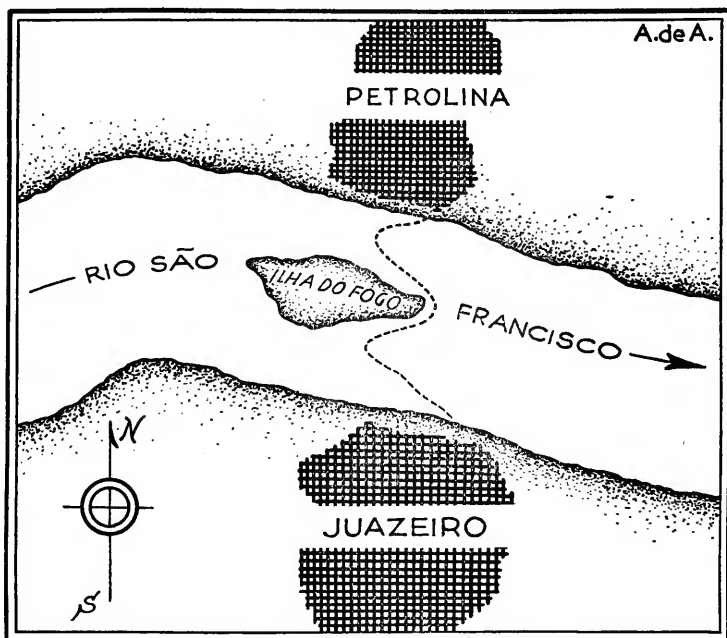
Pelas ruas de Juazeiro, homens e mulheres conduzem o precioso líquido, que só pode ser obtido no grande rio. Na fotografia inferior, vêm-se “paquetes” e um vapor estacionados junto às rampas do pôrto.



### **Pleno dominio da catinga**

Na região de Juazeiro, a catinga apresenta-se como se fôra um pequeno deserto pedregoso. Já a nordeste de Petrolina, a paisagem é outra: a catinga é fechada e muito rica em faveleiros.

Nenhuma outra cidade do médio São Francisco consegue ultrapassá-la em importância econômica e no total da população. Apesar de lutar com o angustiante problema da água e não ter luz elétrica senão até às 23 horas, Juazeiro pode ser considerada, sem a menor dúvida, a verdadeira “capital” dessa áspera região, conservando, assim, uma posição que vem usufruindo há mais de um século (17).



#### A ligação entre Juazeiro e Petrolina

Contornando a ilha do Fogo, os “paquetes” aproveitam, no seu trajeto de uma para outra das cidades fronteiriças, não só as partes menos profundas do rio como a força de sua corrente.

**As funções da cidade.** — Hoje, como antigamente, a cidade de Juazeiro continua a ser um importante *ponto de passagem*. Lá se cruzam duas grandes vias de comunicação: a via fluvial e a via férrea.

(17) O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO, em bem feita reportagem publicada em seu n.º 37, de Fevereiro de 1939, registrou a presença, na cidade, de 350 pessoas sindicalizadas, 300 outras pertencentes a associações não sindicalizadas, 50 receptores de rádio, 8 médicos, 4 dentistas, 5 engenheiros, 2 agrônomos e um advogado.

A navegação sôbre o São Francisco tem ali, praticamente, seu ponto inicial, em direção a montante. Os vapores da “Viação Baiana” partem de seu pôrto, abarrotados de gente e de mercadorias, com destino a Pirapora, em Minas Gerais. Ao mesmo tempo, desta cidade mineira, partem para igual percurso, os vapores da “Navegação Mineira”. Por outro lado, vapores menores e barcas à vela trafegam de maneira mais ou menos ativa nas águas do grande rio.

O pôrto de Juazeiro não passa de um simples ancoradouro de alve-naria, ao lado do qual atracam as embarcações com facilidade durante as altas águas; na vasante, porém, o embarque e o desembarque fazem-se diretamente sôbre o leito do rio.

Além disso, a cidade acha-se ligada, desde 1894, pelos trilhos da atual “Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro” à capital do Estado da Bahia, da qual está separada por 575 km.

A *função comercial* é o traço marcante da fisionomia da cidade. Sentimo-la no movimento de seu pequeno pôrto, na abundância de suas casas de comércio, na importância de seu Mercado.

De Minas Gerais recebe manufaturas diversas (tecidos de algodão, ferragens, etc.), couros e peles, que vão ser redistribuídos para o Piauí e o Ceará, através de Petrolina, e também para o Recôncavo, sobretudo as últimas mercadorias. Do Rio Grande do Norte vêm importantes carregamentos de sal, que são distribuídos rio acima e alcançam Minas e Goiaz. Também algodão e mamona aparecem nesse tráfico, sem falar no gado, que ainda transita por ali, embora em menor escala que noutros tempos.

Juazeiro continúa a ser “a praça”, tal como na época em que por lá passou Teodoro Sampaio. É a “cidade dos negócios”, no dizer simples do povo, do mesmo modo que Sento Sé o é da nobreza, Carinhanha da fome, São Romão da preguiça...

Esse carater comercial patenteia-se com muita clareza, quando se faz uma visita ao *Mercado*, que se ergue logo junto ao pôrto. Seu movimento é constante e não apenas em um dia da semana, conforme costuma acontecer noutras cidades do sertão. O edifício já é insuficiente para conter o grande número de vendedores que ali se reúne; eles aparecem, por isso, dentro e fora do Mercado. O que se oferece à venda é o que há de mais típico na região sertaneja: rapadura, fumo em rôlo, arreios, alpercatas, chapéus de couro, frutas, carne de sol, etc. etc., além de mingau de farinha d'água, café com leite e bôlos, que se vêm devorados pelos caboclos em mesas que se estendem pela parte central do edifício. Uma interminável multidão de gente de tôda espécie, sobretudo gente humilde, acotovela-se no interior do Mercado, a regatear preços, a comprar com parcimônia o de que necessita, a “namorar” o que não pode levar.

Outros ficam a ouvir as toadas lamurientas e monótonas do *cégo cantador*, figura clássica nesses locais de feira. O que encontramos era





dos  
ras



**“Uadi” sanfranciscanos**

No meio da catinga, são comuns os leitos de rios secos, verdadeiros “uadi” da região do São Francisco médio.



### O "oasis" do coronel Aprígio

Graças à irrigação, a Granja São Clemente oferece um espetáculo inesperado, no meio da catinga áspera da região de Juazeiro: no alto, aparecem parreiras, tamarieiras, coqueiros e mangueiras; em baixo, um belo canavial, bem junto a um dos canais de irrigação.

um caboclo velho, de barba crescida e rala, que trazia na mão esquerda uma pequena lata para recolher esmolas e na direita um chocalho, que servia para acompanhar suas tristes melopéias. Suas palavras nem sempre são compreensíveis, mas percebe-se que ele reproduz episódios do “folklore” san-franciscano. Ao se lhe dar alguma esmola, põe-se a agradecer, cantando sempre e desejando, entre outras cousas, “doze meses de ventura”...

Quando nos recordamos que Juazeiro acha-se colocada no meio de uma região semi-árida, pedregosa e atinguenta, podemos compreender que tudo quanto se acumula no seu movimentado Mercado vem de fora, de longe muitas vezes, e podemos bem aquilatar a avidez com que sua população percorre os balcões, abastecendo-se de quanto necessita.

Um índice dessa função comercial vamos encontrar na renda municipal. Em 1934, a arrecadação foi de 243.200 cruzeiros, sendo a maior de toda a região do São Francisco, superior mesmo à de Januária (18). Em 1940, tal cifra elevava-se para 360 634 cruzeiros, continuando a ocupar um lugar de destaque entre os municípios san-franciscanos (19).

**Na região de Juazeiro.** — Nos curtos dias em que estivemos na região de Juazeiro, tivemos oportunidade de conhecer um exemplo do que pode realizar a irrigação nessa áspera zona sertaneja.

Trata-se da *Granja São Clemente*, de propriedade do coronel Aprígio Duarte Filho, situada no vale do rio Salitre, a umas 5 léguas da cidade.

Para quem percorre o peneplano cristalino, recoberto pelo manto escasso da catinga, o espetáculo que esse pequeno recanto do sertão oferece tem algo de muito surpreendente. É como se se penetrasse súbitamente em um “oasis”, após percorrer alguns km de região semi-désértica.

O rio Salitre beneficia, com sua umidade, uma larga faixa de seu vale (20). Mesmo assim, porém, o coronel Aprígio Duarte Filho resolveu, há três anos, ampliar tais benefícios, construindo um sistema de canais de irrigação em sua propriedade. Utilizou-se, para isso, das vantagens oferecidas pelo Governo Federal, que financia obras dessa natureza; o custo do serviço ficou em 115.000 cruzeiros, que estão sendo pagos à razão de 11.500 cruzeiros por ano, em dez prestações.

Graças a um motor movido a gazogênio, a água do Salitre vê-se lançada num sistema de canais de tijolos, que se encarregam de distribuí-la por uma área de 70 hectares, através de uma rede de canaletas. A zona irrigada corresponde a cerca de um terço do total da propriedade.

---

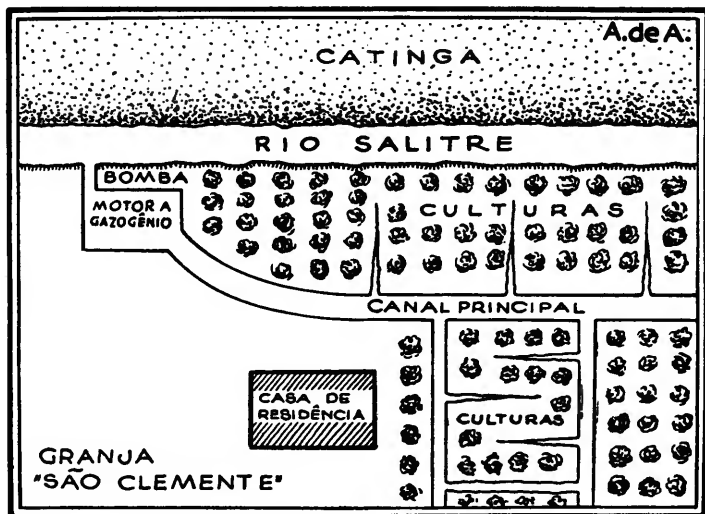
(18) CARVALHO (Orlando M.), “O Rio da Unidade Nacional — o São Francisco”, pág. 109.

(19) OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO, “Os municípios do Rio São Francisco”, ano V, n.º 60.

(20) A propósito das possibilidades do vale do Salitre, leia-se o trabalho de DUQUE CATÃO, “Um oasis mal aproveitado”, no Observador Econômico e Financeiro, ano VIII, n.º 92, Setembro de 1943.

A irrigação faz-se de 15 em 15 dias e vai alimentar belas plantações de cana de açúcar (POJ), como também de videiras, de mangueiras, laranjeiras, tamareiras, conqueiros-anões, etc., que dão uma nota verdejante, no meio da secura do ambiente.

Trabalham na propriedade pouco mais de 100 pessoas, das quais 28 pelo sistema da meação. Para estas últimas, metade da produção de rapadura lhes pertence, em troca da utilização da terra.



A Granja "São Clemente"

As águas do rio Salitre, impulsionadas por bomba, são conduzidas a uma rede de canais e vão irrigar as terras ressequidas da catinga.

A propriedade acha-se atualmente arrendada por 1.500 cruzeiros mensais, a um senhor que espera obter um lucro líquido mensal de 2 a 3.000 cruzeiros. A cultura da cebola estava para ser introduzida em larga escala, quando estivemos em visita à Granja São Clemente.

Trata-se, como se vê, de uma iniciativa digna de ser imitada. Se muitas outras propriedades como esta ali vierem a aparecer, uma nova paisagem surgirá na região do "cotovelo" do São Francisco, criada pela perseverança e pela energia humana. A terra é fértil; só espera que o homem saiba aproveitá-la, dando-lhe a água de que tanto necessita.

### CAPÍTULO III

## PETROLINA

**Uma cidade original.** — À margem esquerda do rio São Francisco, no chamado “Sertão Baixo” de Pernambuco, bem defronte a Juazeiro, ergue-se a cidade de Petrolina (21).

Quando se aproxima do local em que se acha esse núcleo urbano, logo tem-se a atenção chamada para as torres altaneiras de sua Catedral, monumento que indiscutivelmente domina a paisagem. Trata-se, com efeito, de um templo de pedra, em estilo gótico, de linhas grandiosas, que custou nada menos de um milhão de cruzeiros; seus vitrais vieram da Europa e, como ornamento, possui emblemas brasileiros. Diante dela, fica-se a perguntar — quantas outras cidades brasileiras possuem um templo assim portentoso?

O mais chocante é que essa grandiosa Catedral encontra-se no meio de uma praça inteiramente nua, tendo ao solo aquele “mar” infinito de seixos fragmentados, de todos os tipos e tamanhos...

Algumas das ruas de Petrolina são calçadas. Geralmente são estreitas, um tanto irregulares no seu plano. Muitas delas possuem “passeios” elevados, que lhe dão uma nota original, produzindo a impressão de pequenos canais secos, a cortar o centro urbano.

Mas o que realmente impressiona nessa cidade san-franciscana é seu ar “despido” e sonolento, sem apresentar um todo orgânico, como se fosse formada por porções que se justapuzessem, afim de a constituir. A catimba e a assombrosa quantidade de pedregulhos dão-lhe uma fisionomia esquisitamente agreste. Há trechos em que as habitações, de barrote ou de tijolos (22), surgem isoladas, sem obedecer a nenhum alinhamento, como se houvessem surgido a esmo, embora façam parte da cidade.

Seu passado está estreitamente ligado ao de Juazeiro. Durante anos foi um simples ponto de passagem para os que vinham ou se destinavam à cidade baiana, que se ergue na outra margem. Sua região era conhecida

---

(21) Veja-se o mapa da pág. 11.

(22) A abundância da argila explica a difusão desses tipos de casa, como também o largo uso de telhas.

pelo nome de “Sertão de Rodelas” (23). Durante anos foi chamada simplesmente o *Registro* ou a *Passagem do Juazeiro*. SPIX e MARTIUS (24) não mencionam a existência, ali, de nenhum aglomerado urbano. Mas, ao tempo de HALFELD, já existiam uma capela e 48 casas. TEODORO SAMPAIO considerou-a, quase trinta anos depois, um lugarejo insignificante, com algumas habitações de feia construção, ao longo de umas poucas ruas estreitas, desalinhadas e areientas, com uma igreja de modestíssima aparência; sua população era escassa e seu comércio quase nulo (25).

A primitiva capela, hoje igreja matriz, foi erguida sob a invocação de Santa Maria Rainha dos Anjos. Ainda hoje ali está, não longe da margem do grande rio. A seu lado, existe o antigo bairro do Grude, o mais velho núcleo da cidade.

Discute-se, hoje, a origem do nome de *Petrolina*, adotado em 1862, quando foi criada a freguezia. Duas versões parecem-nos mais razoáveis: uma a que o considera uma homenagem ao imperador Pedro II, tal como Terezina foi uma homenagem à imperatriz Dona Tereza Cristina; outra a que associa seu nome à quantidade de pedras ali existentes. Mas ainda são lembradas outras interpretações (26).

Vila em 1879, cidade em 1895, Petrolina não deixou de ser um simples ponto de passagem. No século atual, o comércio do algodão e da maniçoba deu-lhe algum movimento. Mas foi a instalação do Bispado (1924) e, sobretudo, a figura do bispo Don Antônio Malan que lhe vieram dar um impulso decisivo. Seguiram-se a criação de alguns estabelecimentos de ensino (Escola Normal, Ginásio), que atraíram muitas famílias das redondezas.

Em 1920, a população do município elevava-se a 16.942 hab., em grande parte concentrados na cidade, que é o centro do maior município de Pernambuco. Hoje, esta população pode ser avaliada em 22.000 habitantes, dos quais uns 8.000 vivem no centro urbano, em 1.800 habitações.

O habitante de Petrolina representa muito bem o caboclo sertanejo, esbelto e robusto, com seu falar cantado e de sons abertos, trazendo na epiderme uma cor morena avermelhada característica e sinais de forte dose de sangue ameríndio. Impressiona, com efeito, a absoluta homoge-

---

(23) BARBOSA LIMA SOBRINHO (A. J.), “Pernambuco e o São Francisco”, Recife, 1929, pág. 101.

(24) Obra citada, vol. II, pág. 407.

(25) SAMPAIO (Teodoro), obra citada, pág. 38.

(26) ÉLISÉE RECLUS, em sua “Nouvelle Géographie Universelle”, vol. XIX, pág. 286, certamente mal informado ou lamentavelmente equivocado, explica seu nome pelo fato de ali existir “en effet, des sources de pétrole” (!)... Outros preferem uma solução não menos ridícula: um oficial do exército teria subido a uma pedreira, hoje inexistente, exclamando — “Que pedra linda!”...

(27) Tanto Petrolina como Juazeiro não oferecem nenhum conforto aos viajantes, em virtude da inexistência de hotéis dignos deste nome. As instalações do 7.º Batalhão de Engenharia e a sede da Navegação Aérea Brasileira constituem agradáveis refúgios, no meio desse desconforto geral.



#### Aspectos de Petrolina

Na fotografia superior, a cidade do sertão pernambucano aparece como é vista de Juazeiro, na margem baiana, notando-se a silhueta de sua majestosa catedral.

Em baixo, algumas habitações localizadas no próprio perímetro urbano.



### Cenas de Petrolina

No alto, uma das ruas da cidade e uma tropa de “jégues” em descanso. Em baixo, um tipo de habitação, com seu cercado de páus, vendo-se no primeiro plano um carneiro de lã escassa, típico do sertão.



neidade do tipo étnico, a par de um baixo padrão de vida, que se patenteia na pobreza do vestuário da população: roupas modestas de algodão, chapéus de palha ou de couro, alpercatas também de couro. O elemento negro é raro; os estrangeiros são inexistentes.

A fisionomia dessa cidade tão original (que fica às escuras a partir de 23 horas, tal como Juazeiro) completa-se por alguns outros elementos. Em primeiro lugar, a quantidade de “jégues”, obedientes e sonolentos, que vivem a circular por suas ruas, levando a carga ao lombo (pipotes de água, tijolos, mercadorias, até mesmo homens). Mas também perambulam pelos arredores do centro urbano carneiros de lã escassa e numerosos cabritos, ali designados pelo nome genérico de bodes.

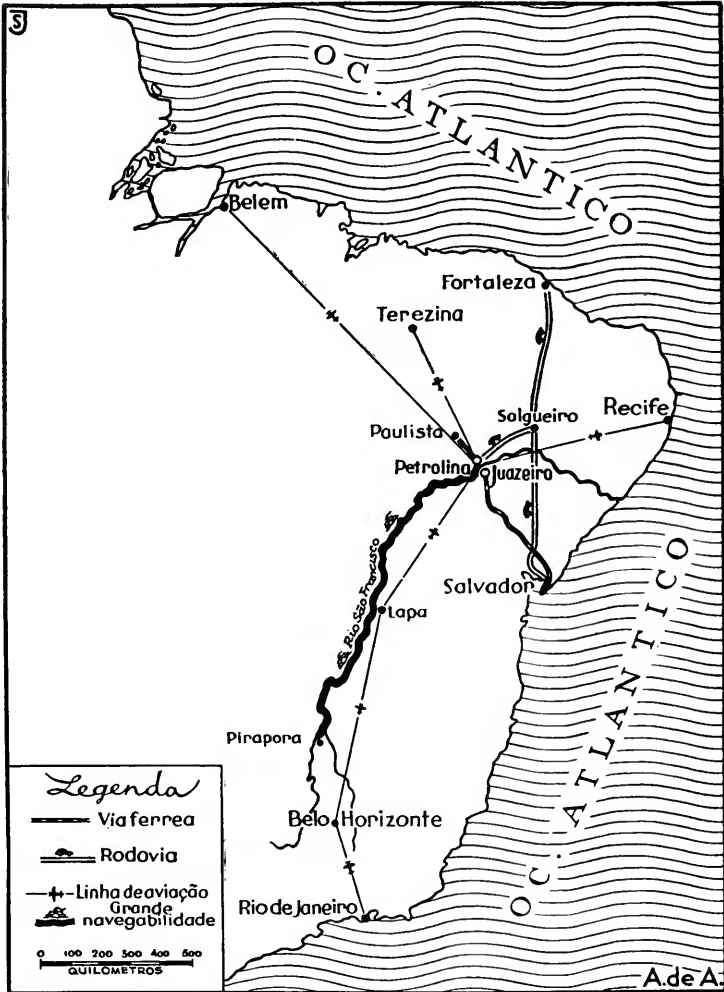
**As funções da cidade.** — Petrolina difere bastante de Juazeiro no que se refere às atividades funcionais. Seu *Mercado*, que só tem movimento às segundas-feiras, é bastante pobre; rapaduras, algumas frutas, fumo em rôlo, peixes diversos (surubim, piau, mandí, pirá, piranha), etc. são oferecidos à venda, num recinto bem menor que o da cidade vizinha. Percebe-se que não é possível vencer a concorrência do centro comercial da outra margem. As importações são necessárias e abundantes: farinha de trigo, cimento, tecidos, ferragens, sal, café, açúcar, manteiga, combustíveis, madeiras, fumo, bebidas, arroz, doces, medicamentos, cigarros, etc. — vêm de fóra, porque a região quase nada produz. Uma pequena *indústria* urbana existe, porém, consistindo na fabricação de objetos de palha (chapeus, bolsas, esteiras) e de objetos de couro (arreios, alpercatas, cortumes); mas longe está de poder ser comparada com a de Juazeiro. Em 1943, a arrecadação municipal acusou a cifra de 225.000 cruzeiros.

Petrolina é, antes de tudo, uma *cidade gêmea*, verdadeiro prolongamento da vizinha cidade baiana. Vive à sua sombra, a olhá-la com indisfarçável inveja (que se extravaza na conversa de seus habitantes), mas sem poder vencê-la. Isto se explica pela fácil comunicação que existe entre uma e outra, através da pequena frota de veleiros (“paquetes”), que está sempre a cortar as águas do grande rio, num vai-vem incessante. Por 40 centavos por pessoa (28), um desses “paquetes”, de nomes quase sempre originais, leva os que desejam ir de uma para outra dessas cidades irmãs; usando a “zinga” ou varejão, nos trechos mais razos, e as velas e a força da corrente fluvial, em plena caudal, tais veleiros bordejam o extremo leste da ilha do Fogo e fazem a travessia em 10 a 20 minutos, de acôrdo com as condições do momento.

Entretanto, se Juazeiro é uma cidade-mercado, sua vizinha pernambucana vem se caracterizando por ser um verdadeiro *nó de comunicações*. Continúa a representar, como outrora, um importante centro para as comunicações com o Piauí, ao qual se acha ligada, desde 1930, pelos

---

(28) De meia-noite às 5 horas da manhã, o preço da passagem eleva-se a cinco cruzeiros. Seria interessante lembrar que, ao tempo de Halfeld, o preço normal era de 80 réis.



### Nó de comunicações

Juazeiro e Petrolina constituem uma verdadeira encruzilhada de rotas terrestres, fluviais e aéreas.

trilhos da via-férrea iniciada em 1919 e hoje integrada na “Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro”. Diversas estradas de terceira categoria põem-na em contato com o Ceará, através de Ouricuri e Exú; e, atualmente, acha-se em comunicação com a importante rêde rodoviária do Nordeste, graças à ligação feita recentemente pelas tropas de nosso Exército às cidades de Parnamirim (Leopoldina) e Salgueiro, admirável iniciativa que há de produzir benéficos resultados.

O futuro da cidade, neste particular, parece condicionado também a duas outras iniciativas de real importância. Queremos nos referir, primeiramente, ao fato de haver a “Navegação Aérea Brasileira” construído ali um de seus excelentes aero-portos, tornando Petrolina um ponto de pouso obrigatório para todos os aviões que fazem a rota do São Francisco, partindo do Rio de Janeiro em demanda das grandes cidades do Nordeste e do extremo setentrião do país. Por outro lado, já devem estar concluídas as obras de construção do pôrto da cidade, que vinham sendo realizadas pelo 7.º Batalhão de Engenharia, ali aquartelado; constam de uma rampa de acesso de cerca de 100 metros de comprimento, construída de cantaria, sôbre a qual deverá deslizar um desembarcadouro movel, rodando sôbre trilhos, afim de atender às diferenças de nível entre a época da cheia e da vasante.

São fatos que forçosamente hão de repercutir sôbre o destino dessa pequena cidade do sertão pernambucano, confirmando e robustecendo sua tradicional função de ponto de passagem, já agora num âmbito extraordinariamente mais vasto.

**Na região de Petrolina.** — A região que se abre em tôrno de Petrolina não oferece um interesse particular para o antropogeógrafo e, sim, quase exclusivamente, para o estudioso da geografia física. O peneplano cristalino, com sua catanga típica (em que domina a favela) e seus pequenos cursos d'água periódicamente sêcos, desenvolve-se em ondulações impressionantemente uniformes através de quilômetros e quilômetros, em larga extensão ao norte da cidade e paralelamente à calha do São Francisco.

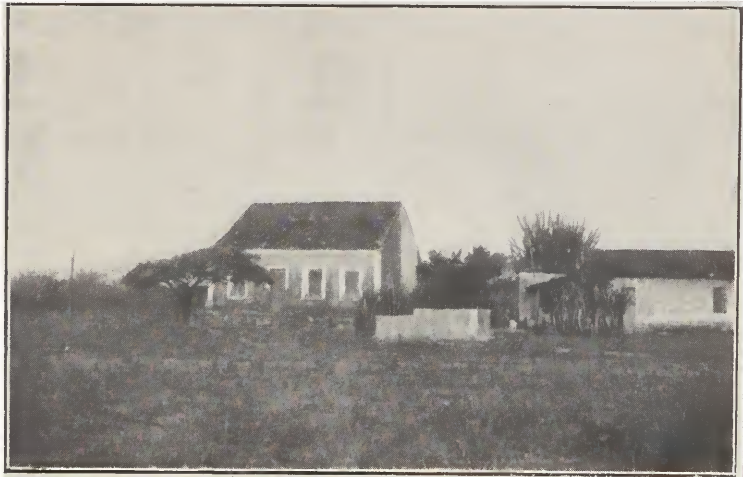
O povoamento é escasso e a habitação humana constitue exceção na paisagem monótona.

Tivemos ocasião de conhecer uma pequena fazenda de criação — a *Fazenda Morrinho*, à margem da estrada que se dirige de Petrolina para Páu d'Arco. O núcleo compõe-se de uma casa de residência, um anexo e uma casa de agregado. Seu proprietário só por lá aparece no “verde”, isto é, na estação das chuvas; por êste motivo, há uns dois anos estava ausente. O aspecto da habitação principal é de abandono, por isso mesmo; faz lembrar uma tapera, na qual uma bôa quantidade de “bodes” ocupava sem-cerimoniosamente o alpendre... O interior é simples e pobre: de um lado, a sala de visitas e a sala de jantar; de outro, três quartos. Ao fundo, isoladas, a cozinha e um telheiro para depósito. Mobiliário escasso.

À frente da casa, um pôço simboliza o eterno problema da falta d'água; aos fundos e nos lados, algumas cactáceas encarnam a aspereza da vegetação.

Poucos quilômetros além, encontramos plantações de carnaúba e palma, ainda em formação. Outros quilômetros mais, a *Fazenda Boqueirão* aparece, mais pobre ainda, a simbolizar, como a anterior, a grande riqueza do sertão — a pecuária, praticada em sua forma mais rudimentar. Esta propriedade tem no seu centro uma velha casa de barrote, coberta com telhas, tendo à frente um alpendre, onde se acumulam os arreios e as roupagens de couro dos vaqueiros. A seu lado, aparecem o “curral”, cercado de paus e destinado ao gado bovino, e o “chiqueiro”, que se destina aos cabritos, ali sempre numerosos. Por algumas vezes, nessa região que percorremos, foi-nos dado observar o uso do “cambão”, grosso páu de umburana, que se dependura ao pescoço dos bovinos (e até mesmo das galinhas!) e destinado a dificultar-lhes a marcha ou a indicar o seu trajeto, na imensidade da catinga, desde que sua ponta inferior arrasta pelo chão.

Tais propriedades deram-nos uma idéia da maneira pela qual vê-se compreendida, nesses afastados rincões, a criação de gado, primitiva e rústica. Nenhuma cerca aparece a delimitar a área das propriedades; o gado vive à sôlta no meio da catinga fechada, trazendo apenas a marca de seu dono feita a fôgo e, algumas vezes, um cincêrro a badalar lùgubremente no silêncio daquelas paragens desertas de homens. Elas contrastam violentamente com aquele pequeno “oasis” criado pela mão do homem, às margens do Salitre.



**A Fazenda Morrinho**

Durante a estação sêca, as fazendas de criar ficam semi-abandonadas. A que foi focalizada, nas fotografias acima, acha-se nos arredores de Petrolina.



### **A Fazenda Boqueirão**

No alto, a miserável habitação que serve de séde à fazenda, com seu alpendre característico. Em baixo, o “chiqueiro” dos cabritos.

## CONCLUSÕES

Concluindo este despretencioso estudo a respeito da região de Juazeiro e Petrolina, queremos ressaltar :

1.º — que a região do “cotovelo” do rio São Francisco é uma das mais ásperas de nosso país, graças à semi-aridez de seu *clima*, responsável único pela sua paisagem natural.

2.º — que as cidades que ali se encontram — Juazeiro e Petrolina, unidas pelo mesmo destino e formando, em última análise, um só aglomerado urbano, representam um grande papel de *nó de comunicações*, pois constituem uma encruzilhada de vias terrestres, fluviais e aéreas.

3.º — que Juazeiro continua a ser, como noutros tempos, uma importante *cidade-mercado*, verdadeiro empório da região.

São Paulo, Agosto de 1944.

## ÍNDICE DA MATÉRIA

	PÁGS.
Explicação . . . . .	5
Sumário . . . . .	6
<b>Cap. I — A região do “cotovelo” do rio São Francisco.</b>	
Primeiro contacto com a região . . . . .	7
O peneplano cristalino . . . . .	7
O rio São Francisco . . . . .	8
O problema da água, resultado da semi-aridez do clima . . . . .	12
Pleno domínio da eatinga . . . . .	15
<b>Cap. II — Juazeiro.</b>	
A capital do médio São Francisco . . . . .	17
As funções da cidade . . . . .	21
Na região de Juazeiro . . . . .	25
<b>Cap. III — Petrolina.</b>	
Uma cidade original . . . . .	27
As funções da cidade . . . . .	31
Na região de Petrolina . . . . .	33
<b>CONCLUSÕES . . . . .</b>	<b>37</b>



IMPRIMU:  
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA  
SÃO PAULO



Pede-se permuta.

Pidese canje.

We ask for exchange.

On demande l'échange.

Man bittet um Austausch.

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da  
Universidade de São Paulo

Caixa Postal N.º 105-B

SÃO PAULO

Brasil